



Barómetro das Cidades

Área Metropolitana de Lisboa concentra os residentes mais insatisfeitos, num país pressionado pela crise na habitação e pelos desafios da mobilidade

O nível de satisfação com a cidade de residência é um dos principais indicadores da qualidade de vida urbana e um reflexo da forma como os cidadãos avaliam, de forma global, o lugar onde vivem. O mais recente **Barómetro da Fundação Francisco Manuel dos Santos (FFMS)** revela que as cidades portuguesas apresentam resultados menos favoráveis do que os observados no contexto europeu, com 70% dos inquiridos a declararem-se satisfeitos com a sua cidade, face a 86% dos residentes em cidades europeias. **A Área Metropolitana de Lisboa destaca-se como a região onde os residentes revelam maior insatisfação geral e em várias dimensões da vida urbana, enquanto a Área Metropolitana do Porto apresenta, em muitos indicadores, avaliações mais próximas das cidades médias do litoral.** O **Barómetro das Cidades** revela também que **a crise da habitação pressiona sobretudo as áreas metropolitanas e que nas restantes cidades a grande preocupação é a escassez de oportunidades de emprego.** Coordenado por Patrícia Melo, Eduarda Marques da Costa e Alexandra Gomes, o barómetro analisa a qualidade de vida urbana, as relações comunitárias e a participação cívica, comparando áreas metropolitanas, cidades médias e pequenas do litoral não metropolitano, cidades do interior e regiões autónomas.

Área Metropolitana de Lisboa concentra os residentes mais insatisfeitos

A Área Metropolitana de Lisboa (AML) é a região do país onde os residentes revelam menor satisfação com a qualidade de vida urbana: apenas 58% afirmam estar satisfeitos com a cidade onde vivem, face a 76% na Área Metropolitana do Porto (AMP) e nas cidades pequenas do litoral não metropolitano, que registam as avaliações mais positivas. A AML apresenta, sistematicamente, as avaliações menos positivas em várias dimensões do ambiente urbano, como o ruído, a qualidade do ar, a limpeza urbana, o congestionamento rodoviário e o conforto do espaço público, áreas em que a AMP regista níveis de insatisfação mais baixos e mais próximos da média nacional. A AML regista ainda avaliações negativas em domínios como o acesso a cuidados de saúde e educação, evidenciando as



pressões associadas à elevada densidade urbana. Nos cuidados primários de saúde, por exemplo, a satisfação situa-se nos 39%, claramente abaixo dos 60% registados na AMP e dos 53% de média nacional.

Saúde, habitação e emprego no pódio das prioridades para melhorar a qualidade de vida

Mais de 65% dos inquiridos a nível nacional identificam a saúde e a habitação como as duas grandes prioridades para melhorar a qualidade de vida urbana. Em terceiro lugar, mais de 40% apontam o emprego e a economia local como prioridade. **Na Área Metropolitana de Lisboa, 72% dos residentes referem a saúde como prioridade e cerca de 70% a habitação.** Já nas cidades do interior, o emprego e a economia local são as grandes prioridades para 54% dos inquiridos. Uma esmagadora maioria, de **quase 80% dos inquiridos a nível nacional, rejeita a ideia de que é fácil encontrar habitação adequada a preço razoável**, mas a pressão habitacional assume contornos mais severos na Área Metropolitana do Porto, com 88% dos inquiridos a discordarem da afirmação de que é fácil encontrar casa a preço razoável e na Área Metropolitana de Lisboa, com 82% dos residentes a rejeitarem também essa ideia. Embora o diagnóstico permaneça negativo no resto do país, a intensidade é significativamente menor nas cidades das Regiões Autónomas (67%) e do interior (70%). A nível nacional, **mais de metade (51%) dos inquiridos confirma que os custos com a habitação condicionam outras despesas familiares.**

Mobilidade apontada como uma das áreas mais críticas nas cidades

O automóvel continua a ser o principal meio de transporte nas deslocações diárias, sendo utilizado por cerca de 79% dos inquiridos a nível nacional. O transporte público é referido por apenas 28% dos residentes das cidades portuguesas, abaixo dos 43% registados nas cidades europeias analisadas no inquérito *Quality of Life in European Cities*, da Comissão Europeia. **A utilização do transporte público aumenta com a dimensão urbana: atinge 44% na Área Metropolitana de Lisboa e 34% na Área Metropolitana do Porto, mas cai para 14% nas cidades pequenas do litoral e 13% nas cidades do interior.** Os principais obstáculos apontados para não usar o transporte público não são os custos, mas a frequência insuficiente, a fraca articulação entre diferentes meios de transporte e, sobretudo na AML, **a falta de fiabilidade e pontualidade**, referida por 42% dos residentes (16% na AMP). A nível nacional, **uma em cada cinco pessoas (21%) gasta pelo menos duas horas por dia em**



deslocações pendulares, sendo a AML a região com o tempo médio mais elevado (80 minutos, face a 58 minutos nas cidades do interior).

Perceção de segurança e sentimento de comunidade diminuem com a escala urbana

As relações de proximidade tendem a enfraquecer com o aumento da dimensão das cidades. **A AML regista os níveis mais baixos de sentimento de pertença à comunidade (39%), confiança nos vizinhos (42%) e participação nas atividades do bairro (33%).** Em contraste, nas cidades do interior, 68% dos residentes confiam nos vizinhos e 59% dizem poder contar com eles. A perceção de segurança segue o mesmo padrão: **apenas 49% dos residentes da AML dizem sentir-se seguros a andar sozinhos no bairro à noite, valor que sobe para 71% nas cidades do interior e 76% nas regiões autónomas.**

Ambiente urbano: quanto maior a cidade, menor a satisfação

A Área Metropolitana de Lisboa regista as avaliações mais negativas relativamente ao ruído (apenas 35% estão satisfeitos), à qualidade do ar (40%) e à limpeza urbana (30%). Em contraste, as cidades do interior registam níveis de satisfação significativamente mais elevados, com 64% dos residentes satisfeitos com o nível de ruído, 76% com a qualidade do ar e 54% com a limpeza urbana. No contexto europeu, as cidades portuguesas apresentam avaliações menos favoráveis, nomeadamente na satisfação com os espaços verdes (56% face a 76% nas cidades europeias) e com os espaços públicos de socialização (47% contra 76%).

Participação cívica reduzida e resistência a medidas com custos individuais

A participação na vida pública local é reduzida e a principal razão apontada é simplesmente “não querer participar”, mais do que falta tempo ou de informação. As petições locais são a forma de participação mais comum (36%), enquanto as manifestações relacionadas com questões locais registam a menor adesão (16%). O Barómetro das Cidades revela ainda um desfasamento entre o reconhecimento dos problemas urbanos e a aceitação das soluções, com **55% dos inquiridos a rejeitarem o aumento do custo de estacionamento para financiar transporte público e mobilidade ativa.** O barómetro mostra, no entanto, que as campanhas de comunicação dirigidas podem aumentar a aceitação pública de medidas com custos financeiros para os cidadãos.



Cidades diferentes, perfis sociodemográficos diferentes

O perfil sociodemográfico dos inquiridos varia em função do tipo de cidade. As cidades do interior concentram a população mais envelhecida (33% de residentes com 65 ou mais anos) e a maior proporção de reformados (30%), enquanto as cidades médias do litoral não metropolitano têm uma população mais jovem (27% entre os 18 e os 34 anos) e mais escolarizada (51% com ensino secundário ou superior). As áreas metropolitanas e as cidades médias concentram mais profissões qualificadas, enquanto as cidades pequenas do litoral, do interior e das regiões autónomas registam maior peso de profissões ligadas aos serviços, indústria e funções elementares. O Barómetro mostra ainda que **a população migrante está distribuída de forma relativamente homogénea pelos diferentes tipos de cidade**. Apesar dos desafios identificados, a maioria dos residentes nacionais continua a imaginar o seu futuro na cidade onde vive. **Apenas cerca de um em cada cinco admite mudar de cidade (19%) ou emigrar para o estrangeiro (18%).**

O Barómetro das Cidades baseia-se num inquérito executado pela DOMP, S.A. para a Fundação Francisco Manuel dos Santos, realizado entre 10 de março e 26 de maio de 2026, com base em 1247 entrevistas telefónicas e online, distribuídas proporcionalmente pelo número de eleitores recenseados ao nível do concelho.

Para esclarecimentos adicionais:

Manuel Louro | 918 881 124 | manuel.louro@jlma.pt